

Ofélia/máquina de guerra

Ophelia/war machine

Gabriela Tarouco Tavares¹

1. Doutoranda em Artes pelo PPGARTES da UERJ, Mestra em Artes Cênicas pelo PPGAC da UFRGS e professora licenciada em teatro pela UFRGS. Vincula seu trabalho artístico à formação de atores e ao trabalho do sujeito sobre si, através de uma prática pedagógica transdisciplinar; desenvolve trabalhos em arte usando como suporte a cena, a fotografia, o vídeo, a performance e a escultura; E-mail: tavares.gabita@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4777-6394>.

Resumo |

O presente ensaio visual trata-se de um estudo sobre o gesto. A partir de uma sequência de imagens, buscou-se estabelecer uma narrativa que dialoga com a cena. Tal processo visa perguntar se é possível estabelecer uma poética verbicorporal (BASBAUM, 2007), através da criação de uma dramaturgia visual transdisciplinar entre a cena, a palavra, o vídeo e a foto. Para tanto, as fotografias são *frames* retirados de uma vídeo-performance em que a atriz interpreta a personagem Ofélia, do texto de Heiner Müller, *Hamlet Machine*, num contexto de isolamento social durante a pandemia do Covid-19. A obra também dialoga com a noção de máquina de guerra, presente na filosofia de Gilles Deleuze.

Palavras-chave: Dramaturgia visual. Verbicorporal. Máquina de guerra. Ofélia. Gilles Deleuze.

Abstract |

This visual essay deals with a study of gesture. From a sequence of images, you can define a narrative that dialogues with a scene. This process aims to ask whether it is possible to define “verbalbody poetics” (BASBAUM, 2007), through the creation of a transdisciplinary visual dramaturgy between scene, word, video and photo. Therefore, as photographs are frames taken from a video performance in which an actress plays a character Ofélia, from Heiner Müller’s text, *Hamlet Machine*, in a context of social isolation during a Covid-19 pandemic. This work also dialogues with the notion of war machine, present in the philosophy of Gilles Deleuze.

Keywords: Visual dramaturgy. Verbalbody. War machine. Ophelia. Gilles Deleuze.



Eu sou Ofélia, aquela que o rio não conservou.

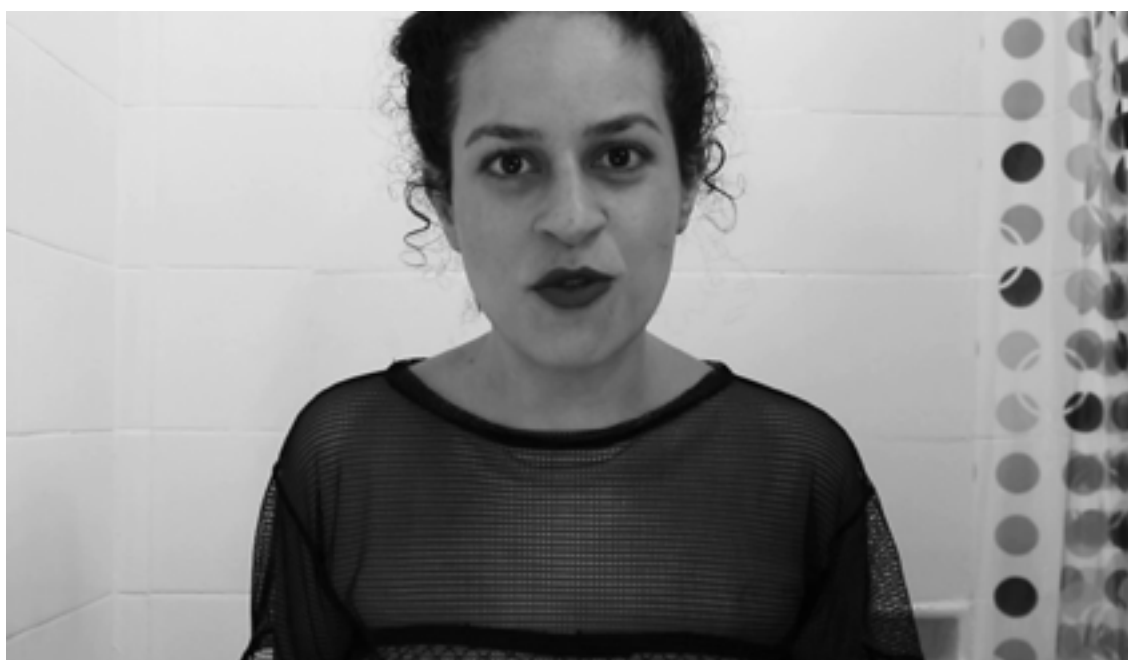
**Hamlet Machine.
1977, Heiner Muller.**

por Gabriela Tarouco

Ofélia//Máquina de Guerra
Frames da vídeo-performance *Ofélia*, 2020
Imagens: Júlia Bezerra Cruz
Concepção e atuação: Gabriela Tarouco



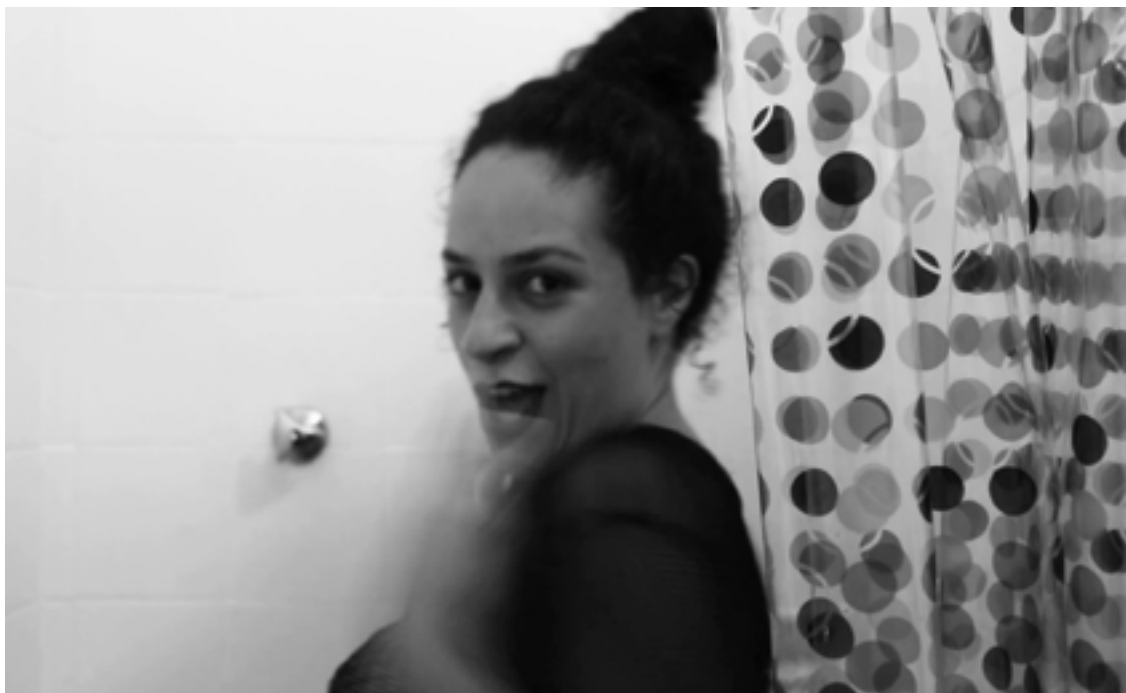
A mulher na força. A mulher com as veias cortadas. A mulher com excesso de dose.



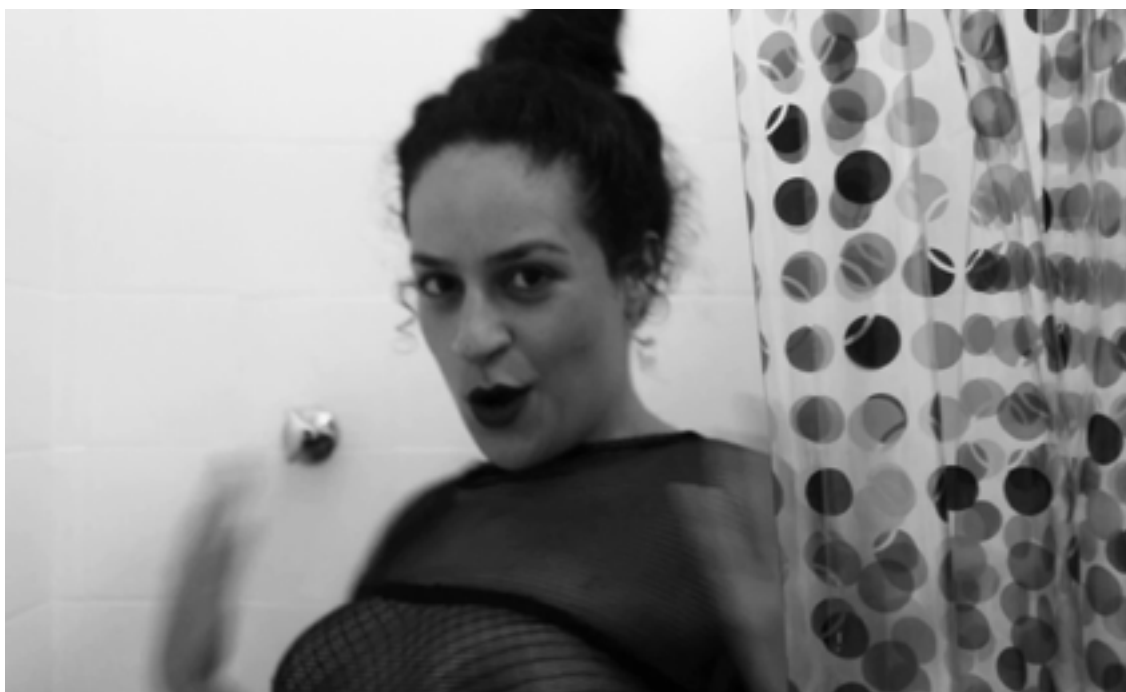
SOBRE OS LÁBIO NEVE
a mulher com a cabeça dentro do fogão a gás.



Ontem deixei de me matar.



Estou só com meus seios, minhas coxas, meu
ventre.





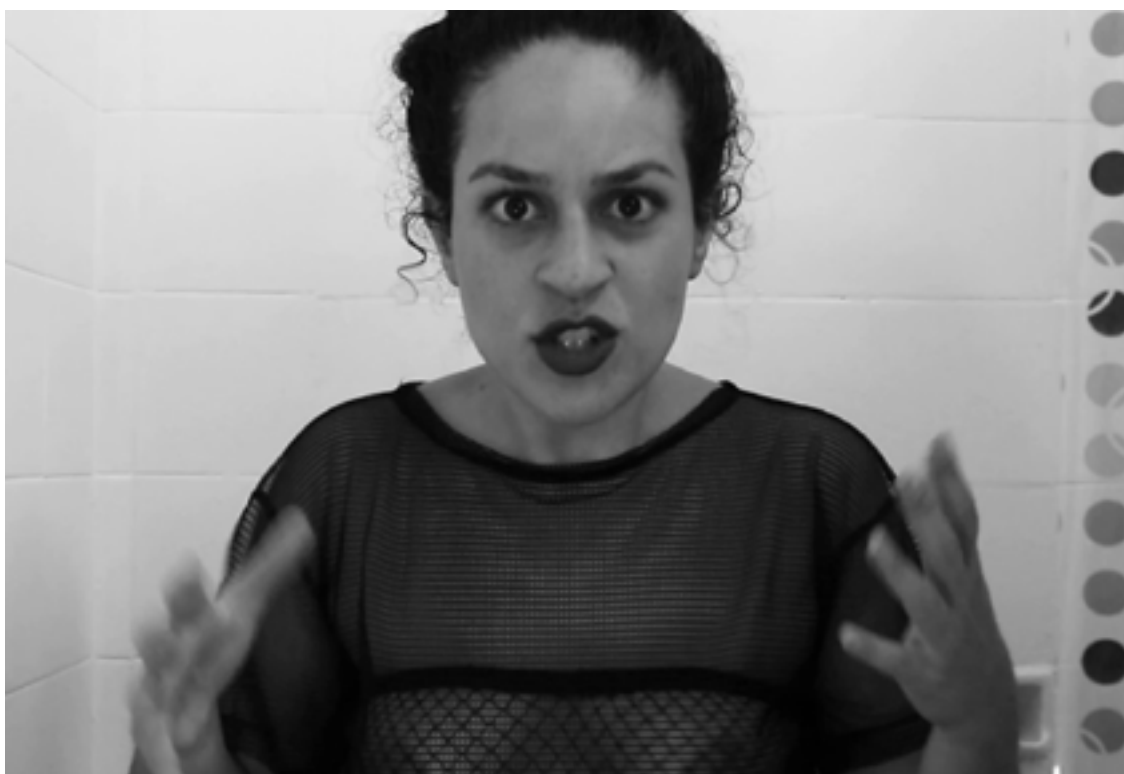
Rebento os instrumentos do meu cativeiro - a
cadeira, a mesa, a cama. Destruo o campo de
batalha que foi o meu lar.



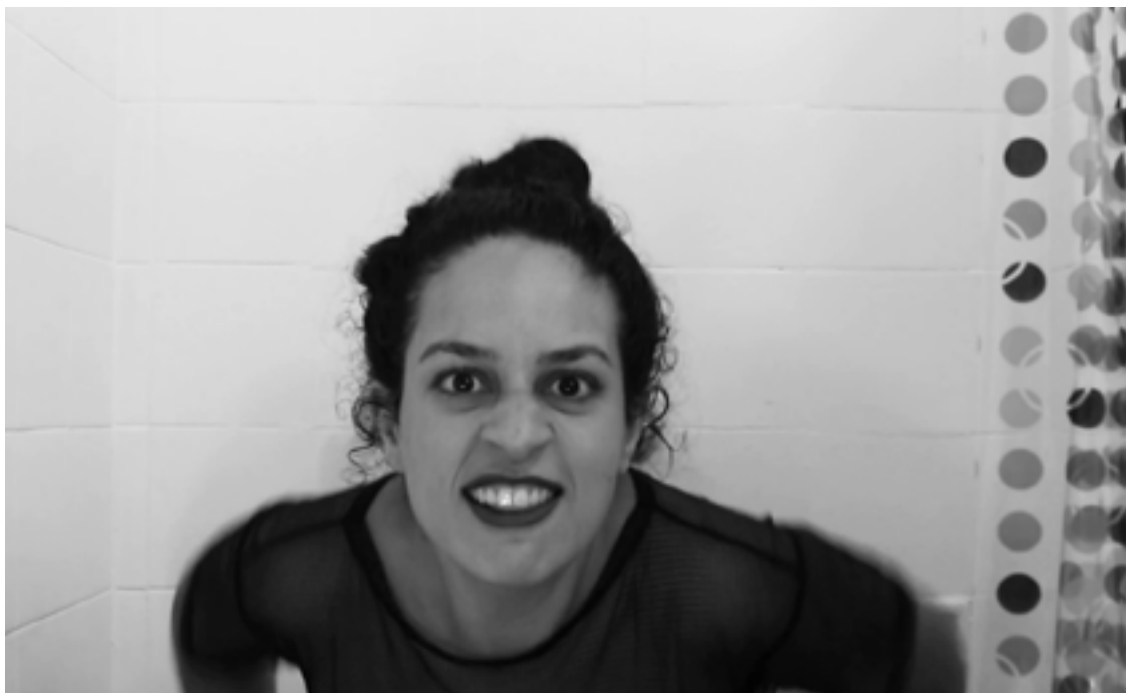
Escancaro as portas para que o vento possa entrar
e o grito do mundo.



Despedaço a janela.



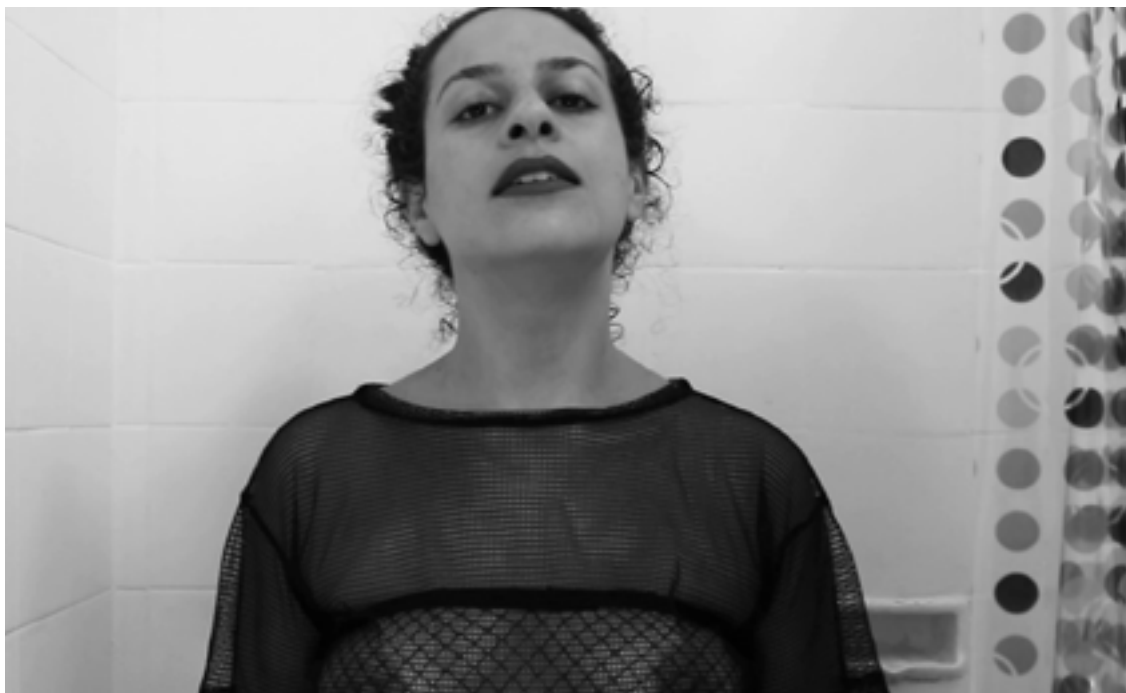
Com as mãos sangrando rasgo as fotografias dos
homens que amei e que se serviram de mim na
cama, na mesa, na cadeira, no chão.



Toco fogo na minha prisão. Atiro minhas roupas
no fogo.



Exumo do meu peito o relógio que era o meu
coração.



Vou para rua, vestida em meu sangue.

A personagem Ofélia, em Shakespeare, enlouquece e morre afogada num rio; na releitura de Müller, desvencilha-se de todas as amarras que a levariam a loucura: é o duplo de Hamlet, seu alter ego revolucionário e elemento ativo da história. Se Hamlet opera como Hamlet-máquina, podemos associar a primeira Ofélia à segunda e anuí-la como Ofélia-máquina de guerra. Podemos pensar a noção de máquina de guerra como forma revolucionária atravessada por devires que fogem às normativas do Estado, neste ensaio visual e em Müller.

No contexto de quarentena, isolamento social por uma pandemia, a reflexão proposta com a personagem Ofélia é a da mulher presa no lugar ao qual foi condicionada por décadas e do qual quer se desvencilhar: o lar. O banheiro foi escolhido por ser o lugar onde nos banhamos, onde podemos evocar a imagem do rio.

Ao pesquisar pelas palavras feminicídio+quarentena, vamos descobrir que o número de casos de violência doméstica aumentou em diversos países durante o confinamento. E o banheiro passa a ser também um dos cômodos da casa que, por questões de privacidade, possui chave, servindo de refúgio para mulheres que sofrem violência doméstica.

Esse projeto não trata diretamente sobre essas questões, mas essa camada sígnica atravessa sua narrativa e mostra-se como substrato desse momento pandêmico, formando as linhas de fuga que caracterizam Ofélia como *máquina de guerra* (DELEUZE, 1998).

Referências

BASBAUM, Ricardo. *Além da pureza visual*. Porto Alegre: Zouk, 2007.

DELEUZE, Gilles. *Sobre o teatro: Um manifesto de menos; O esgotado*/ Gilles Deleuze. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

MÜLLER, Heiner. *Quatro textos para teatro*. São Paulo: Hucitec, 1987.

Submetido em: 21/04/2020
Aceito em: 10/06/2020